

>CASAS, TERREIROS E T/TERRA: FOTOGRAFIAS DA FESTA-RITUAL- SAZONAL IRAXAO

PAULA GRAZIELLE VIANA dos Reis

> paulaviananp@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5251-034X>

Mestra e doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora de sociologia da rede estadual de educação em Minas Gerais

VANDIMAR MARQUES DAMAS

> vandimar2003@yahoo.com.br

Doutor em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás. Professor da rede estadual de educação em Goiás



Quando estivemos em Tapi'itãwa, na Terra Indígena Urubu Branco, na Amazônia, entre os dias 6 e 13 de janeiro de 2017, especificamente, no dia onze de janeiro, no tempo das águas, Vandimar Marques Damas registrou, por meio de fotografias e de vídeo etnográficos, o feito das duas máscaras do Iraxao¹.

Dentro da Takãra (casas dos homens), as máscaras foram feitas coletivamente. Homens de diferentes idades estavam presentes. Alguns auxiliaram na fabricação, embora um artesão-xamã se destaque no feito dos detalhes desse artefato.

As máscaras, confeccionadas com palha de folhas de buriti coletivamente pelos homens, e encantadas e potencializadas com os espíritos dos Karajá, estabelecem entre o povo Apyãwa (Tapirapé) conexões com os afins potenciais e/ou virtuais, como os axigas². Quando os corpos são fabricados em cada metade Wyrã em relação aos axigas, e os corpos como veículos de comunicação com os afins potenciais e/ou virtuais e de enfrentamento/posicionamento por meio dos enfeites, do embelezamento, da ornamentação e da transformação desses corpos. Assim, a cosmopolítica entretecida pelos Tapirapé sugerimos que pode, então, ser vislumbrada.

As máscaras e os maracás dos dançarinos-xamãs Iraxao surgiram no takope (terreiro) e no pátio em frente a Takãra ao meio-dia de 12 de janeiro de 2017 com uma sequência de danças e cantos que se estendeu até o fim da tarde. Certamente é o início da festa que comumente registrado por antropólogos, cineastas e fotógrafos. Porém, se considerarmos que a festa-rito-sazonal Iraxao é composta de variados momentos, perceberemos que as fotografias selecionadas para este ensaio visual querem justamente revelar que a fluidez da vida transborda e se faz presente também nas outras casas e no takope (terreiro), apontando mesmo para o devir, sendo conduzidas, as fotografias, também pelas mulheres-xamãs, dias antes das danças e dos cantos. Porém, se consideramos que a festa-rito-sazonal Iraxao é composta de variados momentos, perceberemos que as fotografias selecionadas para este ensaio visual querem justamente sugerir que a fluidez da vida transborda e se faz presente também nas outras casas e no takope (terreiro), apontando mesmo para o devir, sendo conduzidas também pelas mulheres-xamãs, dias antes das danças e dos cantos. Além disso, por estarem do lado de fora da Takãra (casas dos homens), em frente às casas onde se situam os fornos tradicionais, meninos, meninas, rapazes e moças foram e são (re)tocados com as pinturas corporais pelas mulheres-xamãs, mestres na arte e técnica de pintar e enfeitar os corpos, e fazer parentesco.

Assim, a ontologia das imagens, nos termos de André Bazin (1983), dessas fotografias que foram feitas entre os Apyãwa (Tapirapé) durante a festa-rito-sazonal Iraxao, buscam mirar e focar a estrutura que estrutura o parentesco (VIVEIROS DE CASTRO, 2002) e

1 A festa de Iraxao, ou Aruanã, é realizada no mês de janeiro e visa pacificar os espíritos dos Karajá. Para sua realização, os Tapirapé confeccionam duas máscaras. E durante a festa eles oferecem comida, ornamentam os seus corpos, cantam e dançam para os espíritos.

2 Os espíritos, na língua Tapirapé.

as pessoas (COELHO DE SOUZA, 2001). Desde a produção das máscaras dentro da Takãra; ao uso da tinta de jenipapo nos modos de delinear os grafismos e retocar uma dada pintura corporal sob a casinha-cozinha, onde se situa o fogo tradicional; até a dança do par de mascarados ,acompanhados pelas dançarinas-xamãs e pelos cantores-dançarinos-xamãs, que aconteceu no takope (terreiro) na frente da Takãra.

A cartografia demonstrada com as fotografias faz narrar o que está traçado com a palha – as máscaras, a Takãra e os telhados das casas. As imagens apontam fractalidades (WAGNER, 2010) com o vídeo documentário Traços Tapirapé (MARQUES, 2016), feito também durante uma festa-ritual-sazonal Iraxao, no que tange à feitura da pintura corporal, à fabricação do corpo de uma moça por sua mãe. Tais imagens demonstram as mesmas linhas, pontos e traços de um dos vários grafismos indígenas (Apyãwa).

Para a captura das imagens que seguem, utilizamos uma câmera Canon 5D markII, Canon Rebel XTI, e um Iphone 4S.

Fotografia 1 – Domingos Xario's confecciona o capacete da máscara de Iraxao na Takara



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Fotografia 2 – Domingos Xario's confecciona o capacete da máscara de Iraxao na Takara



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Fotografia 3 – Domingos Xario's confecciona o capacete da máscara de Iraxao na Takara



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Fotografia 4 – Homens e crianças acompanham a confecção das máscaras de Iraxao na Takara



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Fotografia 5 – Homens trabalham na preparação da palha de buriti para a confecção do corpo da máscara de Iraxao na Takara



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Fotografia 6 – Homens fazem os últimos ajustes e testam as máscaras de Iraxao na Takara



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Fotografia 7 – Moça Tapirapé em processo de ornamentação do corpo para a festa de Iraxao



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Fotografia 8 – Mãe aplica a pintura corporal no rosto da filha como parte do processo de ornamentação do corpo para a festa de Iraxao



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Fotografia 9 – Mãe aplica a pintura corporal no rosto da filha como parte do processo de ornamentação do corpo para a festa de Iraxao



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Fotografia 10 – Aplicação da pintura corporal para a festa de Iraxao



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Fotografia 11 – Aplicação da pintura corporal com o uso de um objeto que remete à pintura da onça



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Fotografia 12 – Teto de uma das moradias da aldeia Tapi'itawa, feito de palha



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

REFERÊNCIAS

COELHO DE SOUZA, Marcela. Nós os vivos: construção da pessoa e “construção do parentesco” entre alguns grupos jê. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 46, 2001, pp. 69-96.

TAPIRAPÉ, Xario’i Carlos. Cantos do Xarowi. In: *Pesquisas indígenas na Universidade. Série de Textos Indígenas Museu do Índio – Funai*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2010, pp. 171-210.

TAPIRAPÉ, Gilson Ipaxi’awyga; TAPIRAPÉ, Yrywaxã; TAPIRAPÉ, Ikatopawyga Daniela; TAPIRAPÉ, Koxawiri; TAPIRAPÉ, Koxawiri; TAPIRAPÉ, Júlio César Tawy’i; TAPIRAPÉ, Josimar Jeremy’i; TAPIRAPÉ, Arapaxigi; TAPIRAPÉ, Klebson Awararawoo’i; TAPIRAPÉ, Koxamare’i; TAPIRAPÉ, Kaxowari’i; TAPIRAPÉ, Xaripe’i; VELOSO, Mônica. Histórias Apyãwa. *Revista Articulando e Construindo Saberes*, v. 2, n. 1, 2017, pp. 409-472. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/racs>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

TRAÇOS TAPIRAPÉ. Diretor: Vandimar Marques Damas. PPGACV-UFG. Capes. 27’39”. Suporte: Digital, disponível online: <https://vimeo.com/217294858>. 2016.

RECEBIDO EM 14 DE FEVEREIRO DE 2018

APROVADO EM 25 DE JUNHO DE 2018